

AS MANIFESTAÇÕES DAS IDENTIDADES EM UMA PARCERIA TELETANDEM (PORTUGUÊS/ ESPANHOL)

Ana Maria Barbosa Varanda Riccioli

Denize Gizele Rodrigues

RESUMO

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), indivíduos dispostos a aprenderem uma língua estrangeira passam a ter oportunidades de estabelecer contato linguístico-cultural com todo o mundo. Por meio de projetos telecolaborativos como o *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos*¹⁰ são formadas parcerias entre aprendizes dispostos a aprenderem uma língua em contexto telecolaborativo. Este estudo verificou as manifestações de identidades nas interações por Teletandem, entre uma argentina e sua parceira brasileira. O ambiente telecolaborativo Teletandem se mostrou profícuo ao proporcionar a aproximação entre pessoas, culturas e línguas distintas, favorecendo a emergência de novas identidades construídas no contato interativo entre as parceiras. A construção de identidades se constituiu pelo contato social das práticas discursivas das participantes, inseridas em um processo de aprendizagem telecolaborativo, a fim de aprenderem uma língua estrangeira. As identidades, considerando a ideia de identidade múltipla, puderam ser criadas e/ou recriadas nos momentos de contato interativo por Teletandem e, por isso, podemos dizer que tal aproximação foi instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais (uma parceria português/ espanhol) envolvidos na prática social (KLEIMAN, 1998) de aprendizagem de línguas.

Palavras-chave: Identidade; Diferença; Aprendizagem de línguas *In-Teletandem*.

ABSTRACT

With the development of information and communication technologies (ICTs), individuals willing to learn a foreign language now have opportunities to establish contact with cultural-linguistic worldwide. Through the project Teletandem Brazil: foreign languages for all partnerships are formed between students willing to learn a language in context telecolaborativo. This study examined the expression of identities in interactions for Teletandem, between Argentina and its Brazilian partner. The environment telecolaborativo Teletandem proved fruitful in providing the rapprochement between peoples, cultures and different languages, favoring the emergence of new identities constructed in interactive contact between the partners. The construction of identities is constituted through social contact of the discursive practices of participants into a process of learning telecolaborativo in order to learn a foreign language. The identities, considering the idea of multiple identities, could be created and / or recreated moments in contact by interactive Teletandem and therefore we can say that such an approach was mediating instrument identification processes of social subjects (a partnership Portuguese / Spanish) involved in a social practice (KLEIMAN, 1998) language learning.

Keywords: Identity; Difference; Language learning *In-Teletandem*.

Introdução

O acesso a novas formas de comunicação e informação, possibilitado pelo desenvolvimento de novas tecnologias, é hoje compartilhado por um número cada vez maior da população. O ambiente virtual, atualmente, está presente na vida cotidiana. Com o auxílio de ferramentas de comunicação instantânea, como o *Messenger*, o *Skype* e outras que se encontram à disposição do usuário de forma gratuita; indivíduos das mais variadas partes do mundo experimentam a interação/ comunicação simultânea (síncrona) com pessoas de línguas, culturas e espaços geográficos substanciais; espaços estes minimizados pelo acesso à comunicação virtual.

Por meio das referidas ferramentas digitais aliadas a ambientes telecolaborativos de línguas como o *Teletandem Brasil*¹¹, indivíduos podem desfrutar de um ambiente de aprendizagem de línguas, no qual poderão fazer ricas reflexões linguísticas, culturais e, sobretudo, verificar manifestações de identidades durante o processo interativo.

Os participantes terão a oportunidade de aprenderem a língua do outro, ensinarem a sua, além de

¹¹ O *Teletandem* é realizado em um contexto de aprendizagem telecolaborativo, mediado por um computador, à distância, via comunicação síncrona, por meio da utilização de recursos de escrita, de leitura, e de videoconferência de aplicativos de mensagens instantâneas como o *Skype*, o *Windows Live Messenge*, entre outros. Com estas ferramentas e uma máquina conectada à rede por um modem ADSL e uma câmera *webcan* são firmadas parcerias de falantes de diferentes línguas que se inscrevem no projeto *Teletandem Brasil* a fim de aprenderem a língua do parceiro e ensinarem a sua.

vivenciarem, nas interações, a cultura que envolve as línguas. Ainda, terão a possibilidade de envolverem-se em um processo interativo que oferecerá a eles, oportunidades de irem além de conceitos como respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença. Nas palavras de Silva (2000, p.73), ainda que o respeito e a tolerância sejam posições sociais e pedagógicas aceitas e recomendadas; as questões de identidade e diferença não podem se esgotar em uma visão liberal. Para o autor, a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas, uma vez que tratam-se de criaturas do mundo cultural e social.

Considerando a relevância das manifestações de diferentes identidades em um processo de aprendizagem de línguas em contexto telecolaborativo teletandem, este estudo buscou verificar como se deram as manifestações das identidades durante as interações entre uma estudante argentina, aprendiz de português e uma estudante brasileira, aprendiz de espanhol. Para tanto, foram examinados dados provenientes da transcrição¹² de 07 interações geradas em contexto Teletandem.

1. Linguagem, representação e o processo identitário

Para que adentremos às questões concernentes ao processo identitário, faz-se necessário atentar-nos às problematizações que envolvem a linguagem. Segundo Rajagopalan (2003), a visão de linguagem como uma entidade pronta e acabada não se sustenta no atual contexto, em que as fronteiras culturais e geográficas foram rompidas (transpostas). Para esse autor, esse momento, que é marcado por mudanças drásticas como a globalização, traz “consequências diretas sobre a vida e o comportamento cotidiano dos povos, inclusive no que diz respeito a hábitos e costumes linguísticos” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 25).

No dizer de Woodward (2000), a globalização, que é característica da contemporaneidade, desestabiliza o cenário mundial, já que as fronteiras nacionais, culturais e econômicas são rompidas e traz o que ela chama de “crises de identidade” (WOODWARD, 2000, p. 20). Para essa autora, essas crises de identidade só podem ser analisadas (entendidas) sob a luz desse contexto de grandes mudanças trazidas pela globalização.

É o que percebemos com o advento da informatização, que foi um dos instrumentos que possibilitou a expansão da globalização. As novas tecnologias operam drásticas transformações em nossas vidas cotidianas, tanto pessoais quanto profissionais, principalmente no que concerne às relações de tempo e de espaço. A entrada desse recurso, próprio da atualidade, processa mudanças e, muitas vezes, choques identitários no contexto que analisaremos: o processo interativo de uma parceira de Teletandem (Português/ Espanhol).

Woodward (2000, p. 25) ainda reitera que,

as identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo [...]. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de

¹² As interações foram transcritas segundo MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

posicionamento.

As discussões feitas por Hall (2000); Silva (2000); Woodward (2000), referentes à noção de identidade, revelam um deslocamento em relação à visão clássica de identidade. A perspectiva clássica concebia a identidade como algo estático e transcendental. Desta forma, subjacente ao estudo dos autores citados, encontramos as problematizações que envolvem as perspectivas essencialistas e não essencialistas no que se refere à identidade. Vale lembrar que a perspectiva essencialista sugere a existência de “um conjunto cristalino, autêntico” (WOODWARD, 2000, p. 12), de aspectos que caracterizam os sujeitos e que permanecem ao longo de sua existência. Por outro lado, para esses autores já citados, que estão inseridos na perspectiva não-essencialista, a identidade faz parte de um processo de construção. Ainda reitera Rajagopalan (2002, p. 77), a identidade “é um construto e não algo que se encontra aí *in natura*”, isto é, não encontramos a identidade definida e acabada “por aí”, pois ela é constantemente criada e recriada.

Assim, podemos dizer que, segundo Woodward (2000) as identidades são construídas e reconstruídas de acordo com os contextos sócio-históricos, políticos e culturais. Nas palavras dessa autora, “a discussão sobre identidade sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes” (WOODWARD, 2000, p. 19).

Ainda, de acordo com a autora, a existência de uma identidade só é possível a partir da oposição a outras identidades, passando por um processo de marcação da diferença. Para Rajagopalan (2003); Hall (2000); Woodward (2000) e Silva (2000), a identidade e a diferença não são entidades independentes. Elas fazem parte de um processo de produção em que uma não tem existência sem a outra. Há uma dependência mútua entre elas. Além disso, esses autores afirmam que tanto a identidade quanto a diferença são o resultado de criações linguísticas.

Consequentemente, “a identidade e a diferença estão sujeitas a certas propriedades que caracterizam a linguagem em geral” (SILVA, 2000, p. 77). O autor refere-se aqui à noção de linguagem segundo o ponto de vista pós-estruturalista. A linguagem a que ele se refere não é um sistema fechado em si mesmo, uma entidade pronta, mas um sistema de significação caracterizado pela instabilidade, pelo não fechamento. Nas palavras de Silva (2000, p. 80),

Essa característica da linguagem tem consequências importantes para a questão da diferença e da identidade culturais. Na medida em que são definidas, em parte, por meio da linguagem, a identidade e a diferença não podem deixar de ser marcadas, também, pela indeterminação e pela instabilidade.

É nesse sentido que Silva (2000) reitera que há dois movimentos distintos na construção das identidades. Um deles é o processo da *essencialização* das identidades, aquele que a considera como uma entidade pronta. O outro, o da *desestabilização*

Nas palavras de Silva (2000, p. 84), é:

semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.

Assim, a noção de linguagem pautada na ideia de transparência cai por terra na perspectiva dos estudos pós-modernos que acreditam que a linguagem, de acordo com Rajagopalan (2003) é palco de conflitos, isto é, a linguagem é marcada pela flexibilidade, instabilidade e heterogeneidade. Dessa forma, esse autor contesta a tese do representacionismo, já que ela parte do pressuposto de que é possível usar a linguagem como forma direta de representação do mundo, ou seja, como se fosse possível, por meio da linguagem, descrever o mundo de forma neutra e objetiva.

A tese do representacionismo, de acordo com Rajagopalan,

É um gesto de lamentação, porque afirma a incapacidade dos seres humanos de apreenderem o mundo numenal tal e qual (em oposição ao mundo fenomenal); a linguagem, infelizmente, se coloca como uma barreira entre a mente humana e o mundo, dificultando qualquer apreensão deste de maneira direta [...] (RAJAGOPALAN, 2003, p. 31).

Para Woodward (2000), quando examinamos o conceito de identidade, temos que nos remeter necessariamente às discussões sobre a representação, pois é através dela (da representação) que as identidades dos sujeitos são produzidas. Nas palavras de Woodward (2000, p. 17), “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Assim, segundo a autora (2000), os sistemas de representação constroem significados sociais que permitem a construção de diferentes possibilidades de “ser sujeito”, isto é, produzem uma multiplicidade de identidades.

Quanto à associação da produção da identidade e da diferença a sistemas de representação, Silva (2000) afirma que, já que elas têm existência a partir do uso do discurso e da linguagem, não há como negar também a presença de forças de poder subjacentes à criação tanto da identidade como da diferença. Nas próprias palavras desse autor,

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

Disso resultam as classificações pelas quais passam o mundo social, isto é, a divisão do mundo

em classes ou grupos sociais. No entender de Silva (2000, p. 82)

As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.

Para Silva (2000), a problematização da identidade e da diferença deve ser entendida como uma forma de colocar em pauta também “os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (SILVA, 2000, p. 91). Temos que perceber que, ao classificar o mundo, ou seja, ao produzirmos identidades e diferenças, estamos também criando hierarquias segundo os valores e crenças implícitos nas representações que fazemos das pessoas, dos fatos, dos elementos do mundo etc.

Ainda no que se refere à globalização, vale ressaltar ainda que esse processo de mudança que vem ocorrendo gradativamente nas sociedades, tem feito com que as distâncias se tornem mais curtas entre os povos e isso, na verdade, tem gerado um impacto sobre a identidade cultural. Dessa forma, Hall (2006) ressalta que “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p. 14).

Grandes alterações sociais têm surgido no cenário do novo milênio e isso nos leva a mostrar que não há uma identidade cultural unificada, pois como Hall (2006) diz, “as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas” (HALL, 2006, p. 65). Na contemporaneidade, a aproximação das pessoas é marcada por

[...] fenômenos e tendências irreversíveis como a globalização e a interação entre culturas, com consequências diretas sobre a vida e o comportamento cotidiano dos povos, inclusive no que diz respeito a hábitos e costumes linguísticos (RAJAGOPALAN, 2003, p. 25).

Dessa forma, a aproximação com outras pessoas, com outras culturas e outras línguas têm colaborado para uma “mesclagem” disso tudo, e novas identidades emergem dessa interação, fazendo, muitas vezes, ser colocado em prova a própria noção de identidade dos sujeitos. As chamadas identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas nesse processo de globalização (HALL, 2006). É pela diferença que vai se formando a identidade e como o autor ressalta “a identidade permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2006, p. 38).

As manifestações de diferentes identidades, que são marcadas pelas diferenças (uma exclusão por meio de opostos), ocorrem de maneira gradual no processo interativo em parcerias de *Teletandem*. Entendemos que conhecer o mundo do outro, navegar pelo espaço do outro é acreditar que as diferenças

sejam a base para estabelecer novas identidade. Os atos de criação linguística no aprendizado de outra língua por meio de parcerias de *Teletandem* promovem diferentes manifestações nos interagentes. Entender como essas diferenças entre as pessoas em interações *on-line* contribuem para a própria construção das identidades, se torna de fundamental importância.

2. As participantes

Para as reflexões a seguir, tomaremos dados providos por uma parceria formada por uma brasileira e uma argentina participantes do projeto *Teletandem Brasil*. Cabe dizer que, em virtude do grande número de dados, este trabalho privilegiará a participante argentina, ainda que sua homóloga brasileira seja de importância fundamental, uma vez que, como afirma Woodward (2000), a identidade depende de algo fora dela para existir, ou seja, de uma outra identidade, algo que ela não é.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de base etnográfica, uma vez que se observará e terá real importância o processo e não o produto (ANDRÉ, 2004). Por ser um estudo que angariou um número reduzido de participantes, um par participante do projeto *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos*, também podemos dizer que a pesquisa se configura como um estudo de caso. Podendo ser chamada, por sua vez, estudo de caso de base etnográfica.

Marina, como assim se convencionou chamar a interagente argentina, estava com 25 anos na época das interações. Era estudante de um instituto formador de professores na Argentina e cursava o segundo ano de um total de quatro, sendo que já havia estudado a língua anteriormente, já que o conhecimento de português é pré-requisito para o ingresso no Instituto.

Esther, participante brasileira, com 21 anos era estudante do curso de Letras com habilitação em português e espanhol de uma universidade pública do interior paulista. Antes de ingressar na universidade estudou a língua espanhola por três anos em um centro de ensino de línguas em uma cidade do interior paulista. No momento da atuação como interagente, estudava o segundo ano da licenciatura de um total de quatro.

3. Identidade e diferença

O processo de marcação da diferença, conduta frequentemente verificada nas interações em *Teletandem*, indica que a existência de uma identidade se dá a partir da oposição a outras identidades colocadas em relação. Há, pois uma dependência mútua entre identidade e diferença; além de serem o resultado de criações linguísticas. Nos excertos explorados a seguir, o processo de diferenciação colocado em prática por Marina e Esther pareceu fazer com que ambas as interagentes pudessem acercar-se a fatos culturais importantes para a manifestação e construção de identidades na língua. Tal conduta pareceu ser

potencializada pela rica e complexa discussão de significados linguísticos e culturais promovidos pelas parceiras:

Excerto 01 (Interação de 11-11-2006)

TELETANDEM Marina: No (+) no hay (+) entonces (+) bueno (+) pero por suerte el año que viene voy a estar un poco más aliviada (+) sí te conté que perdí mi **materia esa (+) que año que viene no me deja cursar varias.**

Esther: Ah sí (+) **aquí decimos que es (+) pré-requisito (+) esta/ esta (+) s pré-requisito.**

Marina: ¿cuál?

Esther: Esta/ esta/ aquí decimos que es pré-requisito (+) cuando/ cuando una disciplina:: (+) **tenés que cursar una disciplina para poder hacer las otras (+) ¿entendés?**

Marina: **Es ¿consecutiva?**

Esther: sí (+) **no sé si es así que se dice**

Marina: (+) **materia consecutiva quiere decir que vos tenés que acabar una: (+) para poder hacer la otra**

Esther: sí (+) eso es (+) ¿consecutiva?

Pelo processo de diferenciação, o primeiro excerto demonstra como as parceiras conseguem estabelecer um processo de construção de sentido, além de incorporar palavras desconhecidas da língua estrangeira.

O excerto seguinte (02) mostra a relevância do oferecimento de insumo cultural, visando o processo de diferenciação e, possível identificação. Retirado de uma das interações ocorridas dias depois da votação para presidência da república (outubro de 2006), o excerto demonstra a curiosidade de Esther em saber de que forma ocorrem as votações na Argentina.

Excerto 02 (Interação de 06-10-2006)

Esther: ¿Cómo/ cómo es que vo/ votan en Argentina? (+) ¿cómo es que funciona ahí?

Marina: **Lo mismo que allá (+) por ejemplo (+) nosotros también tenemos aquí colegios (+) para damas (+) y para caballeros y:: y depende de donde vivás (+) determina el colegio adonde va tu mesa.**

Esther: Pero/ pero ¿hay distintos colegios para hombres y para mujeres?

Marina: Sí (+) sí.

Esther: Que interesante.

Marina: **Ah ustedes es todo mixto.**

Esther: Sí::

Marina: **Ah: no no (+) nosotros no.**

Marina tem a oportunidade de informar-se corretamente sobre a prática do processo eleitoral brasileiro, uma vez que, pela “curiosidade” da parceira em diferenciar a prática existente nos dois contextos (Argentina e Brasil), Marina foi levada a reconstruir uma ideia antes equivocada, sobre o referido processo eleitoral brasileiro.

Os dois excertos explorados (01 e 02) contemplam a ideia de identidade construída pela diferença, além de corroborar com a ideia de que as identidades são construídas nas interações em relação aos contextos sócio-históricos, políticos e culturais (WOODWARD, 2000) postos em contato e revelados pelas manifestações culturais e identitárias de cada indivíduo.

Pela diferenciação, Marina e Esther puderam estabelecer uma maior aproximação da língua estrangeira, aproximação está, não só linguística, mas, sobretudo, cultural; fato que potencializa o processo de construção de identidades, dentre elas, a identidade cultural.

4. Identidade e desestabilização

Considerando a importância dispensada à diferenciação visando à construção de identidades, como demonstrado na discussão anterior (item 03), Silva (2000) parte do princípio de que existam dois movimentos distintos na construção das identidades. O primeiro, chamado de *essencialização* das identidades, considera a existência de entidades prontas; por outro lado, o segundo movimento chamado de *desestabilização*, trata-se de um movimento no qual pelos conflitos gerados pela diferenciação, os aprendizes conseguem perceber posições distintas em relação às identidades manifestadas no processo interativo.

Considerando que a linguagem é um palco de conflitos (RAJAGOPALAN, 2003), e que as identidades são construídas por meio de movimentos de *desestabilização*, o excerto seguinte demonstrará como, por meio das discussões das diferenças, a interagente argentina se posiciona em relação aos fatos relatados pela parceira brasileira. Na interação de 05-08-2006, Marina e Esther trocam informações referentes aos seus respectivos meios acadêmicos. Esther busca saber de que forma se ingressa no Instituto em que a parceira desenvolve seus estudos na língua portuguesa.

Excerto 03 (Interação de 05-08-2006)

Esther: Sim (+) e:: é: e/ como: / como funciona pra entrar: ai onde você estuda? Marina: bom tem dois possibilidades.

Esther: Uhum.

Marina: Uma é fazer uma capacitação de um mês no instituto ((incomp)).

Esther: Uhum.

Marina: Que é:: são de três anos.

Esther: Uhum.

Marina: e:: / e: entra no professorado.

Esther: Ham::

Marina: Diretamente.

Esther: sim.

Seguindo o processo de comparação e diferenciação, Marina informa Esther sobre o formato da prova, dos pré-requisitos para se ingressar no Instituto; dando oportunidades para que a discussão e a troca de experiências culturais pudessem prosseguir.

Excerto 04 (Interação de 05-08-2006)

Esther: A:: sim (+) mas o oral é de língua portuguesa?

Marina: Hein?

Esther: O oral [é de língua].

Marina: Língua portuguesa.

Esther: A:: sim (+) .

Marina: Tudo português.

Esther: Mas difícil né?

Marina: É:: sim porque para començar a carreira nós temo que ter uma base de:: (+) de:: (+) língua portuguesa.

Esther: Sim.

Marina: Eu fiz três anos de língua portuguesa e comencé o professorado.

Esther: A:: ta.

Guardando as devidas particularidades de cada Instituição e de cada exame, Marina conhecerá como um vestibulando pode ingressar em uma universidade. É possível verificar que, pelas discussões e, conseqüentemente, pela diferenciação estabelecida, Marina passa pelo chamado processo de *desestabilização*, uma vez que parece demonstrar-se desestabilizada em relação ao que julga ser a forma correta de se ingressar em estudos superiores, fato verificado no excerto a seguir.

Excerto 05 (Interação de 05-08-2006)

Marina: vocês fazem: (++) o exame de ingresso?

(...)

Esther: (...) o exame é: ele/ acontece em três dias: (+) o primeiro dia são oitenta questões teste (+) e aí a matéria e é:/ pega a matéria de todo: / de todo o ensino:/ que é de matemática (+) biologia história geografia (+) inglês: (+) deixa eu ver se não to esquecendo de nada: (+) hum: (+) acho que é basicamente isso: (+) e: você: aí são oitenta testes: (+) aí depois no segundo aí já são questões: (+) de escrita mesmo que aí já são/ questões de lín/ língua portuguesa: (+) dependendo da área né? (+) de cada curso: língua portuguesa: é: história e geografia: (+) aí no terceiro dia é uma redação: (+) com um tema: (+) que a gente tem que escrever sobre aquele tema: (+) e: questões de língua portuguesa: (+) aí depois eles juntam todos esses dias: (+) fazem a média e vão pontuando e vê quem entra quem não entra ne'?

Marina parece chocar-se com a falta da prova específica em língua espanhola, já que ela, ao ingressar nos estudos superiores, teve que fazer uma prova específica em língua portuguesa. Esther, ao contrário de Marina, só iria escolher ou ter certeza da língua estrangeira que iria estudar, depois de ser aprovada no exame vestibular. Considerando tal fato, Marina não perde tempo e questiona Esther, de forma direta, a respeito da prova de língua espanhola:

Excerto 06 (Interação de 05-08-2006)

Marina: Hum: (+) mas vocês não têm exame em espanhol?

Esther: Não não: (+) porque DEPOIS que agente vai entrar na universidade: (+) dependendo da pontuação que a gente ficou no curso: (+) a gente escolhe a língua estrangeira: (+) que no diurno: é português e espanhol e pra quem vai estudar no noturno: é italiano e francês (...)

Marina parece estar atenta e percebe as diferenças existentes em ambas as Instituições. O fato de o exame de aprovação ser mais abrangente que o seu e não ter uma prova da língua estrangeira, não parece ter causado em Marina uma boa impressão. A falta de um conhecimento cultural específico ou talvez do entendimento de outra realidade e de outra situação pode ter poupado Marina de entender a dimensão dos exames pré-vestibulares do Brasil.

No excerto posterior (07), ainda referente à mesma interação, Marina demonstra estar indignada e não aceitar o fato de as professoras de língua espanhola não serem nativas da língua. Fato este, que mostra certo preconceito, ou ainda uma idéia ultrapassada e até mesmo estereotipada, em que se acredita que uma língua estrangeira, seja ela qual for, só pode ser aprendida e bem aprendida se tiver como professor um nativo da língua.

Excerto 07 (Interação de 05-08-2006)

Esther: A gente tem: (+) por exemplo no primeiro ano: (+) a gente estuda com uma professora: (+) o espanhol: (+) da Espanha: (+) e assim geralmente os quatro anos (+) eles vão privilegiar o espanhol da Espanha: (+) mesmo: (+) aí o pri/ só que o primeiro ano é praticamente exclusivo: (+) de: / do espanhol da Espanha (+) o segundo ano:: (+) como a gente tem uma professora que é de/ do El Salvador: (+) então ela já assim: / já mostra o espanhol da hispanoamérica mesmo: (+) só que não deixa de ensinar o espanhol da Espanha

Marina: **Mas não tem professores nativos? (+) que ensinem por/ espanhol?**

Esther: Não

Marina: **E ni argentina: e ni**

Esther: Não não não

Marina: **Não?**

Esther: Não: (+) da Espanha não:

Marina: **Mas não há nen/ nenhum que saiba:: (+) que seja: (++) é: nativa:: (+) espanhola: (+) o**

Esther: Não

Marina: **da Argentina não:?**

Esther: Hum hum nenhum professor

Marina: **¡Qué lástima!**

A partir do processo de *desestabilização*, Marina pode explicitar algumas identidades formadas acerca de ensino e aprendizagem de línguas, além de poder rever posições, crenças e identidades. Marina garante extrema importância em se aprender língua estrangeira com um professor nativo. O excerto acima (07) estampa de forma escancarada essa visão. Marina, acredita que o professor nativo deva ser espanhol ou argentino. Termina explicitando a sua crença com uma interjeição pesarosa: “¡Qué lástima!”.

Os excertos demonstram muito mais do que simples desestabilizações, revelam, sobretudo, diferenças culturais que de alguma forma moldam as crenças dos que nela vivem. A aprendizagem de uma língua estrangeira não propõe que o aprendiz deixe de lado a sua realidade cultural, mas que saiba reconhecer que, às vezes, as diferenças são o que dão a sustentação a uma sociedade, a um povo, garantindo, assim, a importância de se oferecer tratamento e encaminhamento para os choques provenientes de uma

relação de aprendizagem de LE.

Visões de mundo, de sociedade, de aprendizagem de línguas, etc. podem mudar se muda o contexto, já que uma crença pode muito bem não funcionar fora de um contexto determinado. Saber comparar e aceitar o que o outro pensa, a forma que o outro aprende é sem dúvida a chave para uma boa e sustentável aprendizagem. As identidades de um, não devem sobrepor-se a de outro, a crença de um, não deve sobrepor-se a de outro, mas sim deve ocorrer uma discussão que abra caminhos para o conhecimento em seu mais alto grau de significação; conhecer para entender, entender para aceitar e aceitar para identificar-se; caso contrário, os aprendizes podem sofrer distanciamentos não favoráveis à construção de identidades e aprendizagem de línguas.

Considerações finais

Considerando as reflexões desenvolvidas neste estudo, as interações no contexto Teletandem, nas quais Marina e Esther estiveram engajadas a fim de aprenderem línguas de maneira telecolaborativa, revelaram-se extremamente ricas em relação às manifestações de identidades das participantes, além de possibilitarem a elas vivenciarem um processo de construção de novas identidades a partir das diferenças, discussões de significados, choques culturais ocorridos nos encontros virtuais.

O ambiente teletandem se mostrou extremamente valioso ao favorecer a aproximação entre pessoas, entre culturas e entre línguas, colaborando para a emergência de novas identidades construídas nas interações. Com este contexto, é possível entender a identidade como um conjunto de elementos dinâmicos e múltiplos da realidade subjetiva, mas também da realidade social ou exterior, sendo que tais elementos são construídos na interação. A construção de uma identidade pareceu ser constitutiva da realidade social das práticas discursivas das participantes, juntamente com outras construções, como as relacionadas à construção de relações sociais entre os falantes (interação) e a construção de sistemas de conhecimento e crenças.

As identidades, considerando a ideia de identidade múltipla, puderam ser criadas e/ou recriadas na interação Teletandem, ainda que percebamos uma posição mais restrita da interagente argentina, ao que se refere à construção de sentido e de identificação com o Brasil e tudo a que a ele se referia. Por outro lado, é possível dizer que o contato estabelecido entre Brasil e Argentina, representados por Esther e Marina, respectivamente, é também instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais envolvidos na prática social (KLEIMAN, 1998) de aprendizagem de línguas, especificamente em nosso caso.

Por fim, acreditamos que a aproximação com outras línguas tem, de fato, colaborado para a emergência de novas identidades, fruto de processos de diferenciação produzidos nas interações Teletandem. Contudo, em contextos de aprendizagem de línguas telecolaborativos, faz-se necessário saber olhar para as próprias identidades estabelecendo diferenciações frente às identidades do outro, para que assim, novas identidades possam emergir ou serem reconstruídas, já que as identidades podem ser construídas e/ou re-

construídas de acordo com os contextos sócio-históricos, políticos e culturais (WOODWARD, 2000).

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. Diferentes tipos de pesquisa qualitativa. In: _____. **Etnografia da prática escolar**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.

HALL, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T. T. da (Org. e trad.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003. 143 p.

_____. A construção de identidades e a política de representação. In: FERREIRA, M. M. A.; ORRICO, E. G. D. (Org.). **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 77-87.

SILVA, T. T. da. (Org. e trad.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

KLEIMAN, A. B. A construção de identidade em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e Identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 267-302.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org. e trad.); HALL, S.; WOODWARD, K.. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.